

## A alternativa desceu à rua

As grandes manifestações de 2 de Março voltaram a trazer à rua, de norte a sul, centenas de milhares de vozes contra o rumo que o país segue, mostrando pelo menos quatro coisas.

Primeira, o movimento que se levantou em Setembro passado voltou a erguer-se. Não se esgotou, não definiu em números e reforçou os seus alvos políticos ao focar-se na austeridade, no governo e na troika.

Segunda, fica a nu a corrupção desta democracia feita à medida dos poderosos e dos ricos. O truque de dizer que as eleições conferem a um governo legitimidade por quatro anos, faça ele o que se fizer, já não convence. Desprezando esta vigarice e reclamando que o governo se vá embora já, as pessoas afirmam que esta democracia formal não lhes serve.

Terceira, o governo não cairá apenas por força destas manifestações, escudado como está no "funcionamento das instituições". Mas fica à vista a natureza de classe dessas mesmas instituições (Presidente da República, Parlamento, Tribunal Constitucional...) que mostram servir exclusivamente para defender a ordem dominante: no caso, um governo apostado em reduzir a população à miséria para tentar salvar um sistema social caduco e em crise.

Quarta, a amplitude dos protestos e a vontade de lutar demonstrada por milhares e milhares de pessoas revelam que está em marcha um movimento de fundo que ultrapassa o quadro dos protestos organizados e que pode criar novas condições para a luta política das massas, isto é, para uma influência directa das massas populares no rumo dos acontecimentos políticos.

A política regressa às ruas. É aí que pode afirmar-se a força e a capacidade transformadora do povo unido. É aí que está a alternativa.

# MUDARDEVIDA

jornal popular / apoio: 0,50 €

Janeiro-Fevereiro 2013 / número 36

Povo unido

## Governo, rua já!



**P**assos Coelho, Miguel Relvas, Vítor Gaspar, Santos Pereira, Miguel Macedo, Paulo Macedo, Nuno Crato,... os símbolos de um governo detestado, foram sucessivamente perseguidos e vaiados nas últimas semanas, em todo o lado, por manifestantes que não pouparam palavras para dizerem o que pensam deles.

A 2 de Março, por todo o país, centenas de milhares de pessoas, com destaque para

inúmeros jovens e reformados, confirmaram o desprezo que têm por um governo que lhes lixa as vidas mandando lixar tanto o governo como a troika. *Gatunos, Estamos fartos de ladrões, Devolvam o que nos roubaram* - foram protestos repetidamente ouvidos.

Em síntese de tudo isto, ressalta um propósito político claro: Não à austeridade! Governo para a rua, já! E reforça-se uma convicção: O povo unido jamais será vencido!

**Onda de suicídios** Um retrato do colapso social *pág. 3*

**'Acções de formação'** Cuidado com os colaboradores da GNR *pág. 3*

**Crise** Fundamentos do capitalismo entram em decadência *pág. 10*

**Evitar equívocos** 'O povo é quem mais ordena' *pág. 12*

**DOCUMENTO** Uma perspectiva comunista sobre a crise *págs. 5-8*

# A direita celebra o seu “herói”

Morreu Jaime Neves. Os partidos da burguesia, figuras destacadas das classes exploradoras e gente da extrema-direita, incluindo fascistas, têm sido unânimes nos encómios a um dos grandes “heróis” da direita portuguesa. Com a intensa luta de massas, a ampla democracia popular e de bases (que então se ensaiava) e o poder dual (mesmo com forças diferentes) que seguiu ao 25 de Abril de 1974, a burguesia não podia governar e explorar como pretendia. Foi neste contexto que Jaime Neves, juntamente com Ramalho Eanes, militares do Grupo dos Nove e gente dos partidos do chamado arco governativo – PS, PSD e CDS, avançaram com o golpe reaccionário do 25 de Novembro de 1975. Golpe que havia de conduzir ao regime que hoje explora e oprime as classes trabalhadoras e o povo português.

**C**omo era de esperar, Paulo Portas, líder do CDS, afirmou logo que Jaime Neves “fez muito pela democracia em Portugal”. E Passos Coelho, Aguiar Branco e Matos Correia, do PSD, destacaram “a referência”, “o respeito” e o seu papel “na consolidação da democracia portuguesa”, em 25 de Novembro de 1975.

Do PS, João Soares salientou o papel de destaque deste general dos Comandos, sobretudo no 25 de Novembro de 1975, mas, também, o facto de ele ter sido “um combatente de primeira categoria na guerra do ultramar”. Talvez, a par do seu amigo Savimbi. Aliás, já em 1995, o pai, o então Presidente da República Mário Soares, condecorava Jaime Neves com a medalha de Grande-Oficial com Palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Por outro lado, o general Loureiro dos Santos considerou que: “Jaime Neves foi um militar de coragem, temerário e um comandante de excepção, sobretudo em combate. Teve uma intensa actividade operacional, sobretudo nas guerras em África, onde se destacou por ser um comandante de excepção. Teve uma vida de combatente”. E não



deixou, obviamente, de referir o importante papel de Jaime Neves no golpe militar de 25 de Novembro de 1975.

Também Cavaco Silva, actual Presidente da República e um dos homens de mão do capital, que em 2009 promovera Jaime Neves a major-general, enviou uma mensagem de condolências à família deste oficial considerando-o “um exemplo inspirador de dedicação ao país” e um lutador pela liberdade em Portugal.

E Ramalho Eanes, outro “herói” de Novembro e um dos promotores de Jaime Neves a

general, não podia faltar nos encómios. Aliás, há poucos meses, aquando do lançamento da biografia de Jaime Neves, Ramalho Eanes afirmava “Jaime Neves foi – com Alpoim Calvão –, em minha opinião, o melhor combatente da nossa geração de oficiais”.

Continuaremos entregues a esta gente, com o cortejo de espoliações e sofrimentos nossos, se os trabalhadores e o povo não forem capazes de, unidos e solidamente organizados, escorraçá-la definitivamente do poder.

**Carlos Completo**

## Crónica da miséria

Um relatório do Eurostat publicado no fim de Fevereiro indica que Portugal está no topo dos países da UE em que o risco de pobreza e exclusão social é maior. As crianças (28,6%) e os idosos (24,5%) são as vítimas mais vulneráveis da política de austeridade, em ambos os casos acima da média dos 27 países da UE. Também o desemprego oficial teve novo aumento de Janeiro para Fevereiro, chegando aos 17,6%, o equivalente a um milhão de pessoas. Não por acaso, os manifestantes de dia 2 insistiram na fome e na miséria como um dos principais motivos dos protestos.

## Simplex vigaristas

Passos Coelho disse, em Paris, que “ninguém (no governo) aconselhou os portugueses a emigrar”. Logo surgiram diversos comentários que o classificaram como um mentiroso compulsivo. Quando um secretário de estado, Alexandre Mestre, afirmou: “Se estamos no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras” e, em posteriores declarações, Miguel Relvas e o próprio Passos Coelho se pronunciaram no mesmo sentido, estamos perante uma evidente mentira. Mas, como já antes acontecera com José Sócrates, não se trata de casos patológicos, mas, antes, de políticos vigaristas.

## Apoios ao MV

Em resultado de donativos ou de vendas, recebemos dos nossos leitores e amigos os seguintes apoios, que agradecemos.

AP - 15 euros  
CC - 20 euros  
LL - 25 euros

## FICHA TÉCNICA

**Redacção** Cristina Meneses, Manuel Raposo, Pedro Goulart  
**Colaboradores** António Louçã, Carlos Completo, Carlos Simões, François Pechereau, Manuel Vaz, Rita Moura, Urbano de Campos  
**Site** David Raposo  
**Contactos**  
Apartado 50093 S. João de Brito 1702-001 Lisboa  
jornalmudardevida@gmail.com  
www.jornalmudardevida.net

## ASSINATURAS

**10 números** / Donativo mínimo: 15€ Apoio: o mais possível

Como fazer uma assinatura:

**No site** [www.jornalmudardevida.net](http://www.jornalmudardevida.net) (>Assinaturas): indique nome, morada, código postal, indique o número a partir do qual inicia a assinatura e transfira o seu contributo numa caixa Multibanco (seleccionando “Outras Operações” e “Transferências”), para o NIB 0007 0000 00682481622 23. Envie-nos um e-mail a comunicar a transferência.

**Por correio:** envie nome, morada, código postal, indique o número a partir do qual inicia a assinatura e junte um cheque traçado, ao portador.

# Retrato social

Vinhais, Fevereiro 2013: uma professora desempregada mata um filho de 12 anos e suicida-se depois. Porto, Janeiro 2013: uma imigrante com 25 anos, natural do Bangladesh, tenta atirar-se da ponte D. Luís com dois filhos de 1 ano e de 1 mês. Oeiras, Janeiro 2013: uma mãe divorciada mata os dois filhos, de 12 e 13 anos, e põe termo à vida. Alenquer, Dezembro 2012: uma imigrante brasileira de 32 anos pega fogo à casa e mata os dois filhos de 1 e 3 anos. Castro Marim, Agosto de 2012: uma dentista brasileira de 42 anos mata-se e aos dois filhos de 11 e 13 anos, regando a casa com gasolina e pegando-lhe fogo. Vila Pouca de Aguiar, Dezembro 2011: uma mulher de 34 anos suicida-se ao atirar-se de um viaduto com uma filha de 20 meses ao colo.

**E**m cada um dos casos foram assinalados: ou estados depressivos, ou dificuldades económicas, ou desemprego, ou desavenças familiares, ou violência conjugal, ou tudo junto.

Em declarações ao jornal *i* (29 Janeiro deste ano), o psicólogo Carlos Poiães afirma que está a haver um aumento destes casos, assim como dos homicídios conjugais e dos suicídios, e relaciona o facto com a crise económica e social, que classifica de “gravíssima”. O homicídio dos filhos, acrescenta, ocorre em situações em que as mães “não conseguem ver luz ao fundo do túnel”, actuando a crise como um rastilho do desespero. Também o psiquiatra Pedro Afonso, em declarações ao Público feitas em Setembro do ano passado, a propósito do aumento do consumo de antidepressivos, não teve dúvidas em afirmar que há hoje

“muito mais casos” de depressão decorrentes da crise económica. Com efeito, soube-se recentemente que o consumo de antidepressivos aumentou 7,6% em 2012, mais do que qualquer outro medicamento. Anteriormente, também um relatório do Infarmed de 2010 dava conta de que, nos dez anos anteriores, o consumo de antidepressivos crescera para mais do dobro.

O sofrimento pessoal, o desconchavo familiar, a morte como solução são sinais do colapso social que está em marcha. A crise com efeito, não se resume às finanças e à economia, como o poder quer dar a entender. É a própria civilização capitalista - cada vez mais iníqua, assente num sistema produtivo senil, incapaz de proporcionar bem estar à maioria da população mundial - que está em causa.

**Manuel Raposo**



## Cuidado com os colaboradores da GNR!

“A GNR está a dar formação a civis para que sirvam de interlocutores junto da população. De norte a sul do país já foram formadas cerca de 1700 pessoas, autarcas, padres, agentes de IPSS, que junto das populações vão ajudar a promover acções de sensibilização e prevenção das forças policiais”. Esta informação resulta de recentes declarações do chefe da repartição de programas especiais da GNR, major Fonseca, à Antena 1. No dizer do major Fonseca, trata-se de uma relação biunívoca entre a GNR e as populações, considerando que os colaboradores locais também fornecerão às forças policiais “informação privilegiada sobre o que se passa nas suas comunidades”. Posteriormente, outro responsável da GNR, o major Gonçalo Carvalho, afirmou que «não estamos a formar pessoas para denunciar», mas procurando alertar os cidadãos para os crimes mais comuns nos locais. Pela discrepância das declarações destes dois responsáveis da GNR, nota-se que há, aparentemente, diferentes visões do problema. Mas, no actual contexto social e conhecendo as normais funções das polícias, o mais provável é que o objectivo principal acabe por se traduzir em bufaria a favor desta força repressiva do aparelho de estado. Muitos portugueses já ouviram falar ou ainda se recordam certamente do papel desempenhado pelos bufos da PIDE e da Legião durante o fascismo. Contudo, apesar do

acontecido durante décadas em Portugal, nunca faltam uns “bem intencionados”, sempre dispostos a “esquecer”, sempre dispostos a alguma promiscuidade, colaborando com as forças policiais. E, geralmente, arranjando algumas justificações como dizer que a situação actual é diferente do antigamente, que vivemos em “democracia”, ... blablabla.

Esta visão sobre a rede de colaboradores da GNR é perfeitamente verosímil. Pois radica também em diversos dados como os que nos dão conta da introdução de provocadores policiais nas últimas manifestações, da existência de dezenas de analistas do SIS a avaliar em permanência o que se passa nas manifestações e nas organizações políticas e sindicais, assim como no verificado aumento do orçamento do Ministério da Administração Interna, um dos poucos que cresceram (o governo sabe que é preciso pagar bem às forças policiais - GNR, PSP, SIS - para protegerem os donos do capital e os seus homens de mão. Além do mais, no actual contexto social, muitas terão de ser as acções repressivas a levar a cabo nos próximos tempos, para que as classes dominantes consigam impor as medidas terroristas que a troika e o governo de Passos Coelho pretendem aplicar em Portugal.

**Pedro Goulart**

# “Missões e capacidades” das FA: gastos desnecessários

Em recente entrevista à TVI24, com Medina Carreira de permeio, e a propósito do previsto corte de 4000 milhões de euros nos gastos permanentes do Estado (conforme combinação entre o governo e a troika) o general Loureiro dos Santos afirmou que os cortes previstos para as Forças Armadas, se levados a cabo, podiam gerar indisciplina nos meios militares.

**D**a intervenção de Loureiro dos Santos, para além de uma crítica contundente (mas interesseira) ao relatório do FMI sobre os cortes no aparelho do Estado, ressaltou claramente um aviso/chantagem sobre o que poderia acontecer se o governo de Passos Coelho não cedesse às exigências dos chefes militares. Segundo o antigo vice-chefe do EMGFA, colocados os militares perante a incapacidade de cumprirem as suas missões, tornar-se-ia plausível uma insubordinação das FA.

Mas, para Loureiro dos Santos, que é um dos membros da comissão criada pelo Governo de Passos Coelho para apresentar propostas de alterações ao Conceito Estratégico de Defesa Nacional, alterações que também servirão para cortes neste sector, quais as prioridades das Forças Armadas?

São, para além de alguns floreios, missões no âmbito da segurança internacional, por exemplo, na participação em guerras imperialistas como nas do Iraque, da Líbia e do Afeganistão. Alias, no campo internacional, tem sido esta a prática das FA. Mas, também, uma intervenção no âmbito da segurança nacional. Com o forte agravamento das medidas governamentais, ditas de austeridade, é provável o aparecimento de revoltas que as polícias do regime se mostrem incapazes de controlar e, aí (outra prioridade de Loureiro dos Santos), interviriam, então, as FA. Este último tipo de acção ainda não foi necessário, porque as revoltas populares não chegaram a nível que tal se impusesse.

De acordo com várias declarações que têm vindo a público nos últimos tempos, providas de outros generais,



almirantes e altas patentes militares, das cúpulas dos partidos políticos do regime, assim como de grande parte dos analistas políticos, todos eles, pelo que dizem ou pelo que calam, defendem, no fundamental, o mesmo que Loureiro dos Santos sobre a importância e o papel das FA – apresentadas como uma necessária função de soberania.

Assim, no entender da corja que detém o poder económico, político e militar, as Forças Armadas, no plano internacional, devem dar apoio, através da NATO ou de outras siglas usadas para o efeito, às políticas de rapina e opressão dos povos. E, no plano nacional, serão uma garantia de protecção das classes dominantes burguesas, na prossecução dos seus objectivos de acumulação capitalista.

É tempo de dizer a esta gente que enche a boca com as funções de soberania, que pare de nos tentar impingir essas fantasias. Como se fosse possível a um país como Portugal, enredado e dependente da teia capitalista mundial, afirmar seriamente a sua soberania! E também aqueles que, à esquerda, detestando e

opondo-se à actual situação, ainda sonham com um novo 25 de Abril desencadeado pelos militares, que se desenganem: nem a situação política portuguesa de 2013 é idêntica à de 1974, nem a actual composição das FA se assemelha à de então!

E já que os governos da burguesia tanto insistem na necessidade de se fazerem “poupanças” permanentes, que as façam, mas a sério, nas FA. Não se esqueçam, também, de ir às várias Polícias, à Justiça e à Diplomacia. Pouparão, assim, milhares de milhões de euros nos próximos anos em gastos desnecessários. Ou será que às classes dominantes não convêm grandes poupanças nestas áreas?

Mas, falando apenas sobre as FA, quanto menor for o gasto aqui – em submarinos, aviões, helicópteros, carros de combate, cerca de 40 mil militares, assim como nos elevados salários pagos a generais, almirantes e outras altas patentes militares – mais dinheiro haverá para gastar com as áreas fundamentais para a generalidade dos portugueses: na Educação, na Saúde e na Segurança Social!

**Pedro Goulart**

## O nome diz tudo

No final de duas agitadas semanas em que a liderança de Seguro parecia ameaçada, o PS saiu aos abraços de uma reunião magna realizada em Coimbra. Seguro acolheu propostas de Costa, para que Costa não se candidatasse a líder; Costa deu-se por satisfeito com a buchas metidas na moção, e não se candidata (para já). O “ponto de viragem”, como lhe chamou Costa, na política de oposição conduzida pelo PS resume-se a vagas críticas ao modo como o PSD encara a crise, à distribuição de culpas por “todos os governos”, à aceitação da “reforma do Estado” (desde que não seja “nas costas dos portugueses”), e ao ajustamento das metas de pagamento da dívida. Nada que afronte a troika ou atrapalhe o propósito de deixar o governo terminar a legislatura. O “lapso” de o documento inicial de Seguro ter o mesmo nome que Passos Coelho dera à moção que o levou à chefia do PSD em 2010 (“Portugal primeiro”) diz tudo.

## “Roubaram-nos a fábrica”

A fábrica alemã Steiff (concelho de Oleiros, centro do país) encerrou a 5 de Fevereiro despedindo 102 trabalhadores, sendo 97 mulheres, e transferiu a produção para a Tunísia. Motivo: reduzir os custos de mão de obra, como abertamente disse a administração. “Os alemães roubaram-nos a fábrica; os alemães só viram dinheiro”, disseram as operárias à imprensa. De facto, além do lucro produzido em mais de 20 anos de laboração, a Steiff beneficiou em todo esse tempo de instalações (um pavilhão com 2 mil metros quadrados) cedidas gratuitamente pela Câmara Municipal de Oleiros, isto é, pagas pelos cidadãos do concelho.

## 16 de Março

A um apelo da CGTP, dezenas de milhares manifestaram-se em todo o país em defesa da Saúde, Educação e Segurança Social. A luta continua, mas tem de ser ainda mais forte e massiva.



O que se passa sob os nossos olhos é a falência do sistema produtivo capitalista. É uma civilização inteira que se decompõe. A presente crise tem pois um potencial revolucionário como não tiveram as crises do passado mais recente: ela é o sinal de que se fechou a época de expansão capitalista iniciada com o segundo pós-guerra e que se criam, com isso, condições para um novo ciclo revolucionário à escala mundial.

Iniciamos neste número a publicação do manifesto *Enfrentar a crise, lutar pelo socialismo - Uma perspectiva comunista*. A divulgação será feita em três partes, até à edição do MV de Maio-Junho, e inclui os seguintes temas:

1. (nesta edição)

**I - O estado do mundo** (A crise actual espelha a decadência da sociedade fundada sobre o capitalismo. Revelar as suas origens e a sua natureza é perspectivar as condições para lhe fazer frente).

2. (na edição Março-Abril)

**II - A crise do comunismo** (A crise das ideias comunistas e a necessidade de a superar. Transformações recentes do capitalismo, lições da crise actual e perspectivas de renovação da luta revolucionária).

**III - Pelo comunismo, hoje** (Actualidade do comunismo. Pontos para uma plataforma de unidade comunista).

3. (na edição Maio-Junho)

**IV - Nós aqui** (Novas condições da luta de massas em Portugal).

**V - Fazer frente à ofensiva capitalista** (Pontos de acção política com vista à unidade popular contra a austeridade).

Numa altura em que a crise económica mundial sujeita as populações trabalhadores às maiores violências e em que as propostas de reforma se mostram incapazes de mudar o rumo dos acontecimentos, importa conhecer as ideias que procuram abordar o problema na sua raiz - a crise do sistema capitalista.

# Enfrentar a crise, lutar pelo socialismo

## Uma perspectiva comunista

**C**rescem as vozes que reclamam um novo rumo político para o país. As manifestações e lutas de massas dos últimos anos mostram que ganha adeptos a ideia de que é preciso fazer frente à austeridade, ao governo e à Troika. A ilusão de aceitar sacrifícios em nome do futuro perde terreno.

Mas, que fazer para travar a pilhagem do trabalho pelo capital? Como assegurar emprego e vida digna à população trabalhadora? Como acabar com os privilégios dos grandes patrões, dos gestores e dos políticos que os servem? Como pôr fim à acção de especuladores e corruptos? Como impedir a fascização das instituições? Como rejeitar as ordens de Berlim ou de Bruxelas? Como desvincular o país das guerras da NATO? Enfim, que fazer para derrubar as barreiras que travam as aspirações do movimento popular?

Estas perguntas, colocadas pelo momento que vivemos, têm de ter resposta. Sem isso, o movimento popular não ganhará capacidade para fazer frente aos desafios da situação, e vencerá a ideia de que não há alternativa à força cega do capital.

Compreender a natureza da actual crise é crucial para saber o que está em causa e decidir das respostas políticas a dar. Do nosso ponto de vista, não está em causa apenas uma quebra económica no mundo dos negócios.

O que se passa sob os nossos olhos é a falência do sistema produtivo capitalista. É uma civilização inteira que se decompõe.

A presente crise tem pois um potencial revolucionário como não

tiveram as crises do passado mais recente: ela é o sinal de que se fechou a época de expansão capitalista iniciada com o segundo pós-guerra e que se criam, com isso, condições para um novo ciclo revolucionário à escala mundial.

As novas revoluções sociais, inevitáveis, desenrolar-se-ão num patamar de desenvolvimento muito superior ao do passado, e contarão com massas trabalhadoras muito mais vastas e mais instruídas. As condições para o sucesso do socialismo à escala global são hoje muito mais favoráveis do que há um século, ou mesmo há 60 ou 30 anos atrás.

Com o texto que se segue, procuramos retomar a linha de pensamento e de acção prática do marxismo revolucionário: em vez da tentativa inútil de equilibrar os antagonismos da sociedade burguesa é preciso apontar para o derrube das relações sociais que produzem esses antagonismos.

Propomos uma reflexão sobre o modo como a esquerda deve encarar a presente crise do capitalismo, a fim de encontrar novos caminhos para a acção política dos trabalhadores e no sentido de congregar todos os que se revêem no marxismo revolucionário.

Por uma Plataforma Comunista  
Dezembro 2012

*continua na página seguinte* >>

Mudar de Vida . Janeiro-Fevereiro 2013

<< vem da página anterior

## I. O estado do mundo

A crise actual espelha a decadência da sociedade fundada sobre o capitalismo. Revelar as suas origens e a sua natureza é perspectivar as condições para lhe fazer frente

### Uma crise sem fim à vista

1. O capitalismo arrasta-se numa crise sem fim à vista. O crescimento económico global está bloqueado. Por todo o mundo, a única resposta das classes dominantes tem sido uma transferência brutal e acelerada de riqueza para o capital, especialmente para as mãos de um núcleo cada vez menor de capitalistas.

2. Nos países de capitalismo mais desenvolvido a burguesia desencadeou uma ofensiva em toda a linha assente num confronto de classe directo. O pacto social que vigorou no segundo pós-guerra foi varrido. As expectativas de bem-estar e progresso gradual desapareceram. Pode ver-se hoje que não se entrara afinal numa nova era capitalista, apenas se vivera por curtas décadas uma conjuntura excepcional.

Nas regiões menos desenvolvidas, que nunca chegaram a ter as vantagens sociais do primeiro mundo capitalista, o proletariado sofre uma exploração brutal, praticamente sem direitos laborais ou sociais. E o declínio desses direitos no mundo desenvolvido antecipa a evolução que se irá dar nos demais países.

3. A massa trabalhadora, empobrecida a passos largos, não encontra caminho de saída. As suas conquistas sociais e laborais, onde as há, vão sendo lapidadas.

O desemprego maciço, muito dele tornado permanente, faz crescer a competição entre os trabalhadores. As suas organizações de classe são fustigadas por leis cada vez mais reaccionárias e perdem força reivindicativa.

A massa trabalhadora, empobrecida a passos largos, não encontra caminho de saída. As suas conquistas sociais e laborais, onde as há, vão sendo lapidadas.

A perspectiva de uma revolução social – isto é, de substituir as classes no poder, e não apenas de mudar os administradores do actual poder – está desacreditada ou é vista sem esperança.

No entanto, só essa perspectiva responde à presente crise do sistema capitalista e às necessidades do mundo de hoje. É este o nó górdio que precisa de ser rompido.

Os partidos nos quais os trabalhadores mais politizados ainda vêem uma trincheira de defesa perdem influência e resignam-se ao papel de levantar reclamações de natureza democrática, sem capacidade para travar, quanto mais inverter, o rumo dos acontecimentos.

4. A perspectiva de uma revolução social – isto é, de substituir as classes no poder, e não apenas de mudar os administradores do actual poder – está desacreditada ou é vista sem esperança. No entanto, só essa perspectiva responde à presente crise do sistema capitalista e às necessidades do mundo de hoje. É este o nó górdio que precisa de ser rompido.

### Crise económica, crise geral

5. A crise que o capitalismo atravessa não se resume a mais uma quebra dos negócios, nem resulta de uma globalização “selvagem” ou de uma liberalização “sem regras” do comércio mundial.

As origens do colapso financeiro de 2007-2008 remontam à década de 1970 e radicam numa queda da taxa de lucro dos capitais. Depois do crescimento impetuoso subsequente à segunda grande guerra, o ritmo de acumulação do capital nos grandes centros mundiais foi sofrendo uma desaceleração. Com altos e baixos, mantém-se há perto de 40 anos com reduzidas taxas de crescimento, correspondentes a cerca de metade do que se verificou no segundo pós-guerra.

6. O aumento exponencial da produção e da concorrência, conjugado com a redução dos salários relativos (por comparação com o volume atingido pela produção), conduziu a um excesso de bens, tornados invendáveis pela

quebra relativa da procura global, e a um excesso de capital sem aplicação produtiva. O estouro de 2007-2008 (iniciado no coração do capitalismo mundial, e não na periferia) foi o desembocar deste longo processo.

A origem da crise não está, portanto, na falta de produção, ou na baixa produtividade do trabalho, mas sim, pelo contrário, na sobreprodução e na consequente quebra de rentabilidade do capital – resultantes do progresso tecnológico e do enorme aumento da capacidade produtiva do trabalho social.

7. Também não se trata apenas de uma decadência dos velhos países industrializados e de uma substituição do seu papel pelo dos países emergentes. A decadência do Ocidente capitalista e do Japão condiciona e arrasta para o fundo as economias capitalistas em desenvolvimento.

Os novos centros de acumulação que procuram afirmar-se – como a China, a Índia, ou o Brasil – apesar de, por enquanto, continuarem a crescer, fazem-no a ritmos progressivamente menores precisamente pelo peso negativo que a crise das grandes economias tem no crescimento mundial.

A existência de países em crescimento económico não anula, pois, a natureza global da crise do sistema capitalista.

8. Esta quebra do sistema capitalista mundial como um todo contraria a ideia de que se assiste apenas a uma “transferência” de poder económico entre regiões do globo. Além disso, essa “transferência” é, na verdade, uma competição feroz entre novas e velhas potências capitalistas sustentadas em gigantescos grupos económicos com interesses planetários e mobilizando para o efeito todo o aparato dos respectivos Estados.





Não se perspectiva um novo ciclo de progresso, com correspondente absorção da força de trabalho entretanto despedida. Pelo contrário, os prognósticos de estagnação e mesmo de recessão mundial para os próximos anos apontam para o agravamento e não para a atenuação dos problemas, mostrando que estamos no início de uma crise de longa duração. Os “estímulos” aplicados pelos governos mostram-se ineficazes e, na melhor das hipóteses, apenas conseguirão adiar novos colapsos.

9. A profundidade sem precedentes e o carácter global da presente crise colocam o sistema capitalista num beco do qual não poderá sair por medidas estritamente económicas. Não se perspectiva um novo ciclo de progresso, com correspondente absorção da força de trabalho entretanto despedida. Pelo contrário, os prognósticos de estagnação e mesmo de recessão mundial para os próximos anos apontam para o agravamento e não para a atenuação dos problemas, mostrando que estamos no início de uma crise de longa duração.

As medidas de “estímulo” aplicadas pelos governos mostram-se ineficazes e, na melhor das hipóteses, apenas conseguirão adiar novos colapsos.

A única via de resposta à crise que o capitalismo comporta consiste na destruição maciça de capital em volumes nunca antes vistos, nomeadamente por recurso a guerras destruidoras.

### Competição entre potências capitalistas

10. Esta crise assinala a decadência dos EUA como potência hegemónica do capitalismo mundial. Com os EUA, são arrastados os dois outros elementos da tríade capitalista, a União Europeia e o Japão. Mas reconhecer a decadência destas potências não significa dizer que o seu papel dominante desapareceu ou que cessaram as ameaças que exercem sobre o mundo.

Pelo contrário. O crescente poder e sobretudo a independência das novas potências, ao representar uma séria ameaça para a hegemonia dos EUA, da UE e do Japão, leva estes blocos imperialistas a não aceitar o processo de modo pacífico.

Diminuída a sua capacidade de competição no plano económico, recorrem a todos os meios para manter essa hegemonia –

nomeadamente usando a superioridade militar. É esse o significado da aliança entre os EUA e a União Europeia no quadro da NATO, materializada nas guerras desencadeadas contra a Jugoslávia, o Afeganistão e o Iraque; do combate às revoltas árabes iniciadas em 2011 (com especial relevo para os ataques à Líbia e à Síria); do crescente papel consignado a Israel como estado-mercenário do imperialismo; dos planos para estender o controlo militar à África; e do cerco que vai sendo montado à China e à Rússia.

11. Não pode, portanto, ser posta de lado a possibilidade de esta competição enveredar pela acção militar generalizada. A guerra torna-se mais provável à medida que a crise se eterniza e mina as bases económicas das principais potências ocidentais. As guerras regionais mais recentes (Jugoslávia, Iraque, Afeganistão, Líbia, Síria), as ameaças ao Irão, bem como o fomento pelo imperialismo de rivalidades regionais, religiosas e étnicas e de nacionalismos retrógrados, são prelúdio de acções de maior envergadura que podem levar as potências ao confronto directo.

### Crise da civilização burguesa

12. O discurso dominante sobre a crise procura reduzir o problema às questões económicas ou mesmo financeiras. É a tentativa de absolver o sistema social capitalista. Na verdade, o que está em causa não é a “economia”, mas a economia capitalista; a crise não se limita aos negócios, mas atinge uma civilização inteira.

Esta redução da crise ao “económico” e ao “financeiro” penetrou, porém, o senso comum e mesmo a esquerda, que tendem a aceitar o discurso moral sobre a ganância de uns quantos capitalistas ou a incompetência dos dirigentes, a inverter causas e efeitos da crise e a acreditar em soluções paliativas que não tocam na origem dos problemas.

13. Na verdade, a globalização e a financeirização do capital, embora lhe tenham potenciado os efeitos, não são a origem da presente crise mundial. São sim recursos a que o sistema deitou mão para a atenuar e adiar a sua eclosão – estendendo e deslocando a produção em busca de força de trabalho mais barata, alargando o mercado mundial, contrariando a quebra global dos salários (e, portanto, do consumo) com a extensão do crédito, incrementando a especulação como saída para a acumulação de capital improdutivo.

O chamado neoliberalismo, associado à globalização e à financeirização do capital, não é uma deriva ideológica duma facção da burguesia responsável pela deriva material do sistema. Ao contrário, foram as dificuldades económicas da produção capitalista, passado o impulso do pós-guerra, as causas das mudanças políticas e ideológicas nas classes dominantes.

14. É, assim, ilusório pensar que existem medidas de política económica ou financeira que possam solucionar os problemas sem tocar no quadro do próprio sistema capitalista. Os problemas existem e avolumam-se precisamente porque esse quadro se vai mantendo.

O actual bloqueio volta a demonstrar que as crises no sistema capitalista são inevitáveis, por serem fruto do seu crescimento e não do seu atraso, por resultarem do seu funcionamento interno e não de obstáculos que lhe sejam externos.

Por isso mesmo, a destruição de bens e de capacidade produtiva (mercadorias, empresas, força de trabalho) revela-se como a condição de sobrevivência do capitalismo.

*continua na página seguinte* >>

<< vem da página anterior

Nestes períodos, o seu sistema de relações sociais mostra ser incapaz de traduzir em benefício colectivo os frutos da civilização e torna-se um obstáculo ao livre crescimento das forças produtivas, ao progresso da humanidade. Aqui reside o potencial revolucionário da presente crise.

15. Existem pois dois entendimentos antagónicos sobre a crise com implicações políticas de monta.

O entendimento de que a presente crise é fruto de um “desvio financeiro” do capitalismo conduz em linha recta à conclusão de que basta pôr na ordem o capital financeiro e banir a sua expressão ideológica, o neoliberalismo, para sanar a presente crise e prevenir novas crises. Ou seja, de que não é necessário pôr em causa o sistema de produção capitalista.

Ao contrário, o entendimento de que a crise resulta de uma queda da rentabilidade do capital, com sentido histórico – e que isso espelha a decadência da civilização burguesa – leva a concluir que aquelas medidas políticas não são solução para o problema, quando muito serão paliativos, e de que é preciso atacar pela base o sistema que lhe está na origem: a produção capitalista.

16. Quando vista nos seus aspectos de fundo, a crise fornece-nos uma radiografia do estado terminal a que chegou a civilização burguesa. O mundo está a viver a falência do sistema produtivo capitalista, que entrou na

sua fase senil. Com isso está em causa todo o edifício social que assenta nesse sistema produtivo.

A crescente dificuldade de reprodução do capital traduz-se, com efeito, numa dificuldade crescente de reprodução das relações sociais. Daí a decomposição das instituições, o esvaziamento da democracia, o abandono do estandarte do progresso, o apagamento das grandes crenças burguesas (nação, pátria, família).

A ideologia do progresso contínuo, da prosperidade – que foi desde sempre a chancela do positivismo burguês, da superioridade do capitalismo sobre as formações sociais atrasadas – transfigurou-se num discurso de justificação do retrocesso: não mais emprego garantido, não mais melhoria de vida de geração para geração, não mais consumo livre, não mais lazer, não mais saúde e instrução para todos, não mais protecção social.

Este novo discurso denuncia a incapacidade das classes dominantes para convencerem as classes dominadas da superioridade do seu sistema, denuncia a incapacidade de uma civilização para

**É preciso perceber as causas que abateram o movimento revolucionário pelo socialismo e o impedem de crescer apesar da decadência do capitalismo. É esta a contradição a resolver: um movimento revolucionário bloqueado no meio de uma crise geral do sistema capitalista.**

mobilizar o todo social em torno dos seus objectivos de classe.

Uma sociedade que já só assegura (agora também pela voz dos seus mentores) um amanhã pior que o dia de hoje – e que afirma só poder subsistir nessa condição! – é uma sociedade que caminha para o fim.

As contradições em que o capitalismo está enredado não podem, pois, ser resolvidas dentro dele próprio; só uma revolução social o pode fazer da única maneira viável: pondo fim às relações sociais capitalistas.

17. O capitalismo, contudo, mostrando-se incapaz de encontrar saída no estrito plano das soluções económicas, tem achado maneira de manter incontestado o seu domínio. E assim poderá continuar por tempo indeterminado enquanto não entrarem em cena as forças capazes de uma transformação social radical, revolucionária. Essas forças são constituídas pelo proletariado mundial; os seus aliados são o campesinato pobre dos países menos desenvolvidos e os povos que lutam contra a dominação imperialista.

Mas para que tais forças sociais constituam, de facto, uma oposição ao poder da burguesia mundial é preciso perceber as causas que abateram o movimento revolucionário pelo socialismo e o impedem de crescer, apesar da decadência do capitalismo. É esta a contradição a resolver: um movimento revolucionário bloqueado no meio de uma crise geral do sistema capitalista.

*Continua no próximo número*





## Desgaste

O escândalo de corrupção que atingiu o PP espanhol provocou uma queda de popularidade do partido e do governo, segundo sondagem recente. Apesar disso, o PSOE, na oposição, não ganha adeptos. Também por cá o PS não recupera eleitores na proporção do descrédito que atinge o governo de Coelho. Tudo indica que, sob pressão da crise, um número crescente de cidadãos vê nas principais forças do poder duas faces da mesma moeda. A sucessão de governos PS/PSD ou PSOE/PP, que até há pouco parecia inquestionável, começa a ser posta em causa. Na verdade, é a base social das forças do poder que vai sendo desgastada. Por enquanto, apenas por um virar de costas – amanhã certamente por uma rejeição activa.

Também o resultado das últimas eleições italianas apontam no mesmo sentido, à semelhança do que aconteceu, meses atrás, na Grécia. Em Itália foi evidente a derrota da força que mais recentemente deu corpo à austeridade ditada pela União Europeia: Mário Monti, chefe do último governo, não foi além de 10%. E mesmo a alternativa mais desejada pelos patrões da UE, a coligação “de esquerda”, mal chegou a 30%, quase o mesmo que o partido do antigo primeiro-ministro Berlusconi. Ou seja, as forças que foram o veículo tradicional de aplicação das políticas do capital estão hoje divididas, sem uma hegemonia clara. O êxito eleitoral do comediante Beppe Grillo é o reflexo desta decadência das forças do chamado “arco governativo”. O problema, em todos os países europeus mais afectados pela crise e pelas políticas de austeridade, é a ausência de uma força política que congregue o largo descontentamento popular. Esse descontentamento não formará uma corrente política forte enquanto a resposta à austeridade não atacar o próprio sistema capitalista, mostrando a sua incapacidade para resolver os problemas sociais e colocando a luta de massas no terreno da defesa dos interesses das classes populares.

**Manuel Raposo**

# Grassa a corrupção no Estado espanhol. E por cá?

Os últimos dados sobre a corrupção nas cúpulas do Partido Popular (PP), no poder, assim como sobre a monarquia espanhola, são bem significativos do grau de apodrecimento a que chegou o Estado espanhol. A corrupção é um facto inerente ao capitalismo, mas não podemos deixar de denunciá-la, por uma questão ética e como combate político.

Um jornal do regime espanhol, “El País”, divulgou há semanas documentos de Luis Bárcenas (ex-tesoureiro do PP), que mostram pagamentos regulares aos principais dirigentes do partido entre 1990 e 2009 e referem doações de alguns dos principais empresários espanhóis, fundamentalmente do sector da construção. Nesses documentos da contabilidade oculta do PP são referidos, além de outros, os nomes do actual presidente do partido (e chefe do Governo espanhol), Mariano Rajoy, assim como da secretária-geral do PP, María Dolores de Cospedal, a quem foram efectuados pagamentos periódicos. No caso de Mariano Rajoy, os documentos mostram pagamentos de 25.200 euros anuais, durante 11 anos. Também se referem aí pagamentos a J. M., provavelmente José Maria Aznar, ex-presidente do Governo espanhol.

A informação agora divulgada por “El País”, surge na sequência do conhecimento de que Bárcenas chegou a ter 22 milhões de euros em contas na Suíça, fundos que foram transferidos para outras contas em 2009, depois de Bárcenas aparecer envolvido, como arguido, no conhecido caso Gurtel.

Por outro lado, a Infanta Cristina, uma das filhas do rei de Espanha, casada com Iñaki Urdangarín, parece estar envolvida nas actividades do marido, que contratou de forma ilegal trabalhadores domésticos para a sua casa em Barcelona através da empresa que mantinha com Cristina, fugindo,



assim, aos impostos e evitando pagar 240 mil euros. Aliás, esta empresa, a Aizoon, dedicava-se sobretudo a negócios imobiliários e beneficiou do dinheiro angariado através da Fundação Nós. Esta sociedade de promoção de desporto, dita sem fins lucrativos, fundada e dirigida por Urdangarín e Diego Torres, conseguiu contratos nas Ilhas Baleares e junto de governos regionais do PP, aumentando o preço dos contratos e inventando despesas.

Assim se vão governando as classes dominantes no Estado espanhol. E, por cá, são também

numerosos os elementos das cúpulas dos partidos do chamado arco governativo – PSD, PS e CDS – que se têm locupletado através da corrupção. A título de exemplo, lembremos os casos dos submarinos, do BPN e do BPP. Mas, tanto em Espanha como em Portugal, ao cabo de anos de “investigações”, são poucas as vezes que se chega a alguma condenação que se veja, pois a justiça de classe raramente os atinge. Para os ricos e poderosos é assim!

**Pedro Goulart**

# Fundamentos do capitalismo entram em decadência

Conforme sublinham vários autores marxistas, a presente crise capitalista tem por origem uma queda da taxa de lucro dos capitais, em consequência do enorme progresso tecnológico verificado, digamos, no último meio século e no conseqüente aumento da produtividade do trabalho.

Com efeito, e como Karl Marx fez notar, o crescente peso das inovações tecnológicas no sistema produtivo capitalista aumenta a composição orgânica do capital, isto é, a proporção entre o capital constante (maquinaria, instalações, matérias primas, etc.) e o capital variável (salários). Por outras palavras, a proporção entre trabalho morto e trabalho vivo. Esta alteração orgânica está na origem da queda da taxa de lucro dos capitais, uma vez que, para um dado capital total, diminui a proporção de força de trabalho, o único factor responsável pela criação de valor novo.

A tendência de queda da taxa de lucro tem sido historicamente contrariada pelo capitalismo através do aumento do volume da produção, da baixa global de salários, do aumento dos ritmos de trabalho, etc.

A actual crise, porém, parece mostrar que essas contra-tendências não surtem o efeito pretendido.

Com efeito, os ritmos de acumulação do capital a nível global estão em queda. Chegou o capitalismo a um ponto em que a recuperação dos ritmos de crescimento já não é possível?

É esta a questão a que responde o texto seguinte de Fred Goldstein.

“A mudança que as novas tecnologias causam na composição orgânica do capital é o ponto mais importante para desenvolvimento da crise histórica do capitalismo, por oposição às suas crises cíclicas. Marx desenvolveu a questão em O Capital quando tratou da Lei Geral da Acumulação Capitalista. Ele mostra como o aumento da produtividade do trabalho através de contínuas revoluções tecnológicas faz crescer a composição orgânica do capital. O aumento do capital constante em relação ao capital variável reduz progressivamente a necessidade de força de trabalho por parte dos capitalistas. E isto expande inevitavelmente o exército de reserva que são os desempregados.

Em períodos anteriores, o capitalismo foi capaz de contrariar este tendência expandindo a produção o suficiente para trazer de volta ao trabalho as massas de trabalhadores despedidos na sequência de uma quebra económica ou de uma crise cíclica. O capitalismo tem sido capaz de absorver não apenas esses trabalhadores que tinham sido despedidos na fase de declínio mas também de acrescentar novos trabalhadores à força de trabalho.

Mas a produtividade do trabalho atingiu presentemente um tão alto nível que este processo já não é viável. Por isso digo que o capitalismo se encontra num beco sem saída.

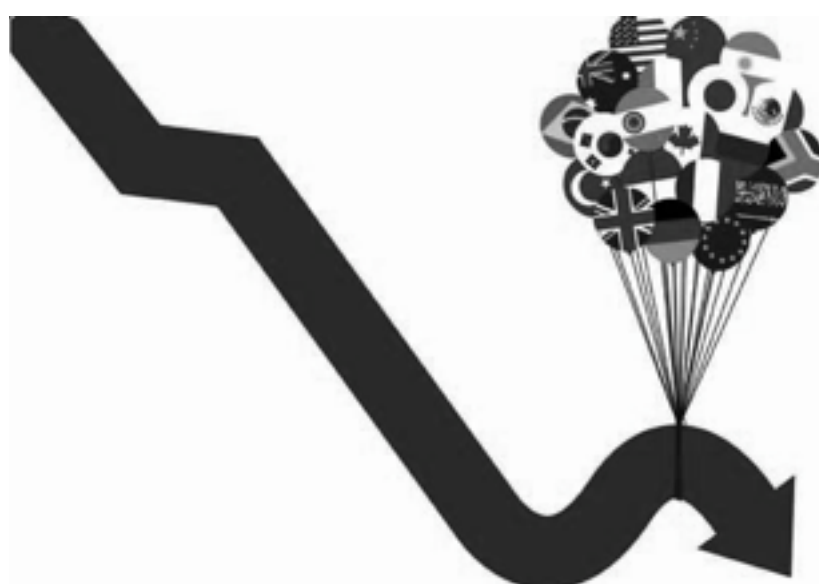
A tendência de queda da taxa de lucro é o que conduz os capitalistas a melhorias tecnológicas e a aumentar a produtividade do trabalho. Os capitalistas lutam uns contra os outros e também contra a classe operária precisamente incrementando a produtividade do trabalho. É isto que provoca o aumento da composição orgânica do capital e faz crescer o exército de reserva dos desempregados. Por este processo, chega-se a um ponto em que a expansão capitalista já não pode absorver esse exército de reserva, e também não o pode impedir de crescer. Os fundamentos do capitalismo entram em decadência. E as bases da revolução começam a ganhar forma. É este o ponto em que estamos hoje.

Marx explica os factores que contrariam a tendência de queda da taxa de lucro. Mas ele não diz que esses factores possam travar

o processo. Ele apenas diz que esses factores explicam *por que razão o declínio da taxa de lucro não é tão rápido como o aumento da produtividade do trabalho*. Aqueles factores apenas abrandam a queda da taxa de lucro, mas não a param nem a invertem no longo prazo. Esta tendência histórica é comprovada pelo enorme crescimento da produtividade do trabalho, pelo aumento enorme do valor do capital constante em relação com o capital variável e

pela subida permanente do desemprego que presentemente se tornou parte integrante deste novo estágio do capitalismo. Estamos a testemunhar, de forma viva, a confirmação das teorias que Marx avançou em O Capital. Cabe-nos retirar as devidas conclusões revolucionárias e compreender o potencial revolucionário do período em que estamos a entrar e fazer uso dessas armas para pôr fim ao capitalismo.”

**Fred Goldstein / MV**



# Somos mesmo 99%?

Uma das palavras de ordem mais marcantes das manifestações realizadas nos EUA com a designação Occupy Wall Street (OWS) foi sem dúvida a que dizia "Nós somos os 99%" - querendo significar com isso que uma larga maioria da população se opõe ao domínio da grande finança. A frase, pela sua simplicidade, propagou-se a outros protestos mesmo fora dos EUA, nomeadamente Portugal. No entanto, ela encerra uma mistificação sobre as divisões de classes: nem a força de trabalho, nem, muito menos, as posições anticapitalistas correspondem a 99% da população, em qualquer parte do mundo. As desigualdades e o domínio dos meios de produção, que as manifestações combatiam, não são na realidade entre 99% de um lado e 1% do outro. O real conteúdo da frase não é anticapitalista, mas antimonopolista. É o que diz Fred Goldstein no seguinte comentário acerca do assunto.

O slogan dos 99% contra o 1% é um slogan de *agitação* popular. Não é de modo nenhum uma palavra de ordem anticapitalista, ou seja, das classes trabalhadoras. Pelo contrário, a frase evita atacar o capitalismo. Na verdade, ao dividir a população por percentagens, na base de uma classificação segundo o nível de rendimento, esconde a verdadeira divisão da sociedade: entre explorados e exploradores, oprimidos e opressores. Esconde a verdadeira natureza das divisões de classe na sociedade capitalista: classe capitalista, classes intermédias e classe trabalhadora.

As classes dominantes não são apenas os muito ricos. Os capitalistas financeiros dominam porque controlam globalmente os meios de produção. Eles vivem ricos e aumentam a sua riqueza através da exploração do trabalho. Estes factos têm de ser postos a nu. De um ponto de vista de classe,



o slogan expressa as queixas da pequena burguesia, dos sectores intermédios da sociedade capitalista que são esmagados pelo grande capital mas que são alheios à classe trabalhadora. Como corrente de classe eles são antimonopolistas. Podem atacar a riqueza e a desigualdade, mas receiam a ideia do socialismo e do domínio da classe

trabalhadora. A nossa posição não hostiliza a juventude que participou nos protestos Occupy Wall Street e que levantou o slogan dos 99% contra o 1%. Ocasionalmente fazemos uso dele em solidariedade para com a luta, ao mesmo tempo que levamos por diante as nossas próprias palavras de ordem

anticapitalistas e pró-socialistas. Colaboramos com esses sectores e demonstramos solidariedade com a sua resistência - mas, sempre que possível, não abdicamos de tentar influenciar os melhores elementos do movimento para uma perspectiva proletária e socialista.

**Fred Goldstein / MV**

## Marrocos: 24 sarauís condenados em julgamento-farsa

O tribunal militar de Rabat, Marrocos, condenou, em Fevereiro, a pesadas penas de prisão 24 patriotas sarauís, depois de os ter mantido detidos por mais de dois anos. De acordo com informação divulgada pela Associação de Cooperação e Solidariedade entre os Povos (ACOSOP), que esteve representada no julgamento, os presos foram mantidos incomunicáveis durante os primeiros meses de encarceramento. As prisões foram efectuadas pelas autoridades marroquinas quando mais de 40 mil sarauís organizaram um acampamento reclamando os seus direitos sociais, económicos e culturais perto de El Aaiún, capital do Sara Ocidental. Na altura, Novembro de 2010, as forças militares marroquinas atacaram brutalmente e desmantelaram o acampamento. Recorde-se que Marrocos ocupa ilegalmente o Sara Ocidental (República Árabe Sarauí Democrática) desde 1976 altura em que a Espanha deixou de ser a potência colonizadora do país. No julgamento, os presos afirmaram ter sido vítimas de torturas físicas,

psicológicas e sexuais, para obtenção de falsas confissões, apresentando sinais físicos de tal tortura.

O tribunal rejeitou o pedido dos presos e dos advogados de defesa para a realização de exames e relatórios médicos para provar as torturas a que foram sujeitos. Além disso, graves erros processuais foram cometidos, violando o próprio direito penal e constitucional marroquino, bem como o direito internacional, as resoluções da ONU e os acordos celebrados com a União Europeia.

Durante o julgamento, as dificuldades de comunicação em toda a cidade foram constantes. A presença militar e policial nas ruas foi constante. Houve inclusive ameaças às famílias dos tradutores dos observadores internacionais.

Sem que a acusação provasse a culpa dos detidos, 22 deles foram condenados a penas desde dos 20 anos de cadeia a prisão perpétua, e dois saíram em liberdade por já terem cumprido a pena.

**Manuel Raposo**



## “O povo é quem mais ordena”

O colectivo que convocou a manifestação de 2 março lançou, na campanha para preparar essa manifestação, a série de acções a interromper discursos de ministros, ao som da "Grândola, Vila Morena". Foi uma forma, pacífica mas incisiva, de chamar a atenção para o ror de mentiras que encobre uma política devastadora. Com imaginação e criatividade, os e as organizadoras dos protestos granjearam simpatia em larguíssimas camadas da população.

Os ministros, como sempre fazem quando se sentem encurralados, como já tinham feito em 15 de setembro perante a manifestação que os tratava de "gatunos", tentaram fingir que não era com eles, colar-se aos protestos e lisonjear os protestatários. Fê-lo, na forma alvar que lhe é própria, Miguel Relvas, que por alguma razão insondável tinha sido convidado para um "Clube de pensadores". Fê-lo também Passos Coelho, ao homenagear a "forma simpática" como fora interrompido.

O que aqui nos interessa não é tanto essa cultura de equívoco que o Governo alimenta e tem de alimentar, para vender o seu peixe estragado. Interessam-nos, sim, os equívocos que, à esquerda, criaram um terreno favorável para a demagogia confusionista do Governo - porque, esses, depende de nós corrigi-los.

E o primeiro é o que consiste em desvirtuar a "Grândola", símbolo da revolução, e em apresentá-la como um símbolo da democracia. Porque esta deturpação de sentido permite a Coelho, Relvas, Gaspar & C<sup>a</sup> introduzirem à socapa as suas vozes cacofónicas num coro de "Grândola", a dizerem que, sim senhor, "o povo é quem mais ordena", que o povo ordenou pô-los, a eles, no Governo e que só o povo pode ordenar o fim desta política em 2015.

Embora este Governo continuamente viole as leis e  
Mudar de Vida . Janeiro-Fevereiro 2013

a Constituição, e embora se justifique denunciar cada uma dessas violações, é errada a resposta que pretende fazer deste Governo uma aberração excepcional, em contraste com o bom uso da Constituição e da democracia. Porque todos os Governos desde 1975 têm sido fieis serventuários do capital e porque este só se distingue dos outros pelo seu grau de ferocidade. Ele não constitui uma excepção, e sim uma aplicação mais radical do que tem sido regra invariável.

Na democracia que temos, "quem mais ordena" não é, na verdade, o povo, e sim os Ulrichs, Belmiros e Soares dos Santos. Não estamos a falar da democraticidade espontânea e comunitária que pode criar-se à margem do poder político numa terra de gentes solidárias, e muito menos estamos a falar num regime moderno de democracia directa para governar o país e o mundo, que na maioria dos casos só existiu em clarões muito efémeros e muito revolucionários da história recente. Estamos a falar de uma democracia burguesa, que manipula o voto do povo para submeter o povo ao seu tacão de ferro.

Os e as organizadoras dos protestos puseram, por isso, o dedo na ferida. A "Grândola" continua a ser um símbolo irrecuperável para esta democracia plutocrática. Assim nós evitemos facilitar a sua recuperação.

**António Louçã**

## Crimes na Saúde

O resultado de um inquérito ao Hospital de Stafford, Grã-Bretanha foi de tal modo grave que obrigou a um pedido de perdão público do primeiro-ministro britânico, David Cameron, na Câmara dos Comuns, com palavras que caracterizam razoavelmente a situação: "Centenas de pessoas sofreram uma terrível negligência e maus-tratos ... A muitos foi-lhes administrada a medicação errada. Muitos permaneceram deitados em cima da própria urina, por falta de ajuda. Os familiares eram ignorados ou repreendidos quando chamavam a atenção para a falta de cuidados mais elementares, quando tentavam salvar os seus entes queridos de um sofrimento terrível e mesmo da morte". E em vários outros hospitais britânicos terão acontecido casos idênticos, que vão agora ser averiguados.

Esperemos que os maus-tratos e as mortes, da responsabilidade do SNS britânico e dos governantes ingleses, resultantes da forte contenção de custos no sistema público e da colocação de interesses privados acima do interesse dos doentes, não se venham também a tornar no dia a dia dos utentes do nosso SNS. Os enormes cortes efectuados no SNS português, verificados particularmente a partir do ministro Correia de Campos e fortemente acentuados com o ministro Paulo Macedo, criando grandes dificuldades às classes trabalhadoras e ao povo no acesso aos Serviços de Saúde, podem conduzir a uma situação semelhante. E os maus-tratos e as mortes não se compensam com eventuais pedidos de perdão dos governantes.

**Pedro Goulart**

**DITO**

À medida que nos libertamos do nosso próprio medo, a nossa presença liberta automaticamente outros.

*Nelson Mandela*